

Abert condena censura e pede mais liberdade

CECE

Mesmo sem apresentar propostas concretas à nova Constituição, por considerar que os constituintes são suficientemente competentes para elaborar a nova carta, o vice-presidente da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), Fernando Ernesto Corrêa, defendeu alguns princípios básicos a serem incluídos no texto constitucional, como a liberdade de expressão do pensamento e a inexistência da censura e de qualquer tipo de monopólio na comunicação, seja estatal ou privado, durante a palestra feita na Subcomissão da Ciência e Tecnologia e Comunicação, ontem pela manhã.

Corrêa também criticou a proposta de criação de um Conselho Nacional de Comunicação — apresentada pelas federações de jornalistas e radialistas — com a argumentação de que esse órgão não seria suficientemente representativo da sociedade brasileira. Na sua opinião, as concessões de canais de rádio e televisão e a própria política de comunicação do País deveriam ser atribuição do Congresso Nacional, "já que ninguém melhor representa a sociedade".

Liberdade de expressão do pensamento, para o vice-presidente da Abert, "é o direito do cidadão ser informado através de múltiplas formas, assegurada a pluralidade de idéias". Justamente por isso condenou a censura e os monopólios de comunicação. Lembrou que o monopólio estatal acaba com a liberdade de iniciativa, o "que trás enormes prejuízos à comunicação. "O exemplo dos países do primeiro mundo são elequentes", salientou Corrêa, citando como exemplo a Itália e a França, que acabaram recentemente com o monopólio estatal da comunicação, como forma de melhorar a qualidade de suas emissoras.

Numa análise do estágio atual da radiodifusão no País, considerou o rádio como o maior fator de integração nacional, já que atinge a 96 por cento da população brasileira. Também registrou que este veículo encontrou o seu caminho através da segmentação do mercado. Sobre a televisão, afirmou que pode ter a sua história dividida em dois períodos: antes e depois da formação de redes.

Lembrou que essas redes viabilizaram custos e receitas, o que fortaleceu a programação, elevando a sua qualidade ao nível dos países desenvolvidos. Contestou a tese do monopólio da Rede Globo de Televisão, salientando que as principais capitais brasileiras têm a opção de pelo me-

Fernando Corrêa

nos cinco canais. "Onde está o monopólio, se o consumidor tem o poder de escolha? Uma emissora tem audiência maior do que as outras, mas isto é natural", comentou o dirigente da Abert.

Ao abordar a questão das concessões de canais, reconhece que "há manipulação no poder que concede, fiscaliza e causa concessões. Não achamos que o modelo atual seja perfeito, porque o concessionário fica a mercê da autoridade que confere esta concessão. Isto retira parte da independência crítica". Por outro lado, acrescentou que "haverá sempre o componente político no critério de concessão. Senão, qual seria o critério? Os canais seriam entregues para os mais ricos, para os mais pobres?".

Informou que a Abert não firmou uma posição a respeito deste assunto, deixando a decisão a cargo dos constituintes, mas emitiu a sua opinião pessoal: "A mim parece que as concessões devem ser conferidas pelo Congresso Nacional, porque ninguém representa melhor a sociedade. Já a cassação deveria ser responsabilidade do Poder Judiciário. Sinceramente, não vejo democratização pela representação de entidades num Conselho de Comunicação. Tenho medo disso. É uma opção menos autoritária, mas não tão representativa quando imaginam as pessoas que a defendem".

Questionado pelo deputado Olívio Dutra (PT/RS), que defendeu a democratização dos meios de comunicação, Corrêa perguntou: "Pretendem democratizar as mídias ou participar nas mídias já existentes? Quero dizer que somos favoráveis à implantação de novas tecnologias, como faixas em UHF, televisão por cabo ou canais de satélites. Estes segmentos que reivindicam a democratização dos meios de comunicação podem ter quantas redes ou emissoras de televisão quiserem. Agora, a participação nos veículos já existente é outra coisa. Se querem 15 minutos na Globo ou na Manchete ou uma página no Globo, então a conversa é outra".